

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Plataformas digitais e as manifestações estéticas indígenas: para recolher ao longo do caminho

Naine Terena de Jesus
Flávio Justino Fêo

Para citar este artigo:

JESUS, Naine Terena de; FÊO, Flávio Justino. Plataformas digitais e as manifestações estéticas indígenas: para recolher ao longo do caminho. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0120>

Este artigo passou pelo Plagiarism Detection Software | iThenticat



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Plataformas digitais e as manifestações estéticas indígenas: para recolher ao longo do caminho¹

Naine Terena de Jesus²

Flávio Justino Fêo³

Resumo

Este artigo tem a intenção de apresentar a experiência dos fazeres estéticos indígenas, de modo especial a partir da Plataforma Tepi (Teatro e Povos Indígenas). A produção do Tepi Podcast, surgiu de uma parceria firmada entre o Podcast Paraskeué e o Tepi, perfazendo a ideia de como o *podcast* pode ser um instrumento de registro das falas e modos de fazer de artistas indígenas, ao mesmo tempo, em que temos a ascensão das plataformas digitais como instrumentos potentes para a presença indígena no ambiente virtual.

Palavras-chave: Fazeres estéticos indígenas. Teatro e Povos Indígenas. Tepi Podcast.

Digital platforms and indigenous aesthetic manifestations: to collect along the way


Abstract

This article intends to present the experience of indigenous aesthetic practices, especially from the Tepi Platform (Theatre and Indigenous Peoples). The production of Tepi Podcast emerged from a partnership between Podcast Paraskeué and Tepi, making up the idea of how the podcast can be an instrument for recording the speeches and ways of doing things of indigenous artists, at the same time, in which we have the rise of digital platforms as powerful instruments for indigenous presence in the virtual environment.

Keywords: Indigenous aesthetic practices. Theater and Indigenous Peoples. Tepi Podcast.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada pelos autores do texto.

² Estágio pós-doutoral desenvolvendo pesquisa no Lêtece pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e no Programa de Pós-graduação em educação da Unemat Campus Cáceres. Doutora em educação pela PUC-SP. Mestrado em Artes pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Radialismo pela (UFMT). Docente na especialização em Gestão Cultural Contemporânea do Instituto Itaú Cultural. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Ensino em contexto indígena da UNEMAT. Pesquisadora do Projeto DECAF com financiamento do Riksbanken Jubileumfond, grant GI21-0001.

 naineterena@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/9166774663920965>  <https://orcid.org/0000-0001-8586-9108>

³ Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2018). Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006). Especialização em Filosofia e Psicanálise pela UNIOESTE (2002). Graduação em Filosofia - Centro Universitário Assunção (1998). Professor da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) e da SEDUC-MT.:  flaviofeo@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2760561565128244>  <https://orcid.org/0000-0001-7057-6548>



Plataformas digitais y manifestaciones estéticas indígenas: para recoger en el camino

Resumen

Este artículo pretende presentar la experiencia de las prácticas estéticas indígenas, especialmente desde la Plataforma Tepi (Teatro y Pueblos Indígenas). La producción de Tepi Podcast surgió de una sociedad entre Podcast Paraskeué y Tepi, conformando la idea de cómo el podcast puede ser un instrumento de registro de los discursos y formas de hacer de los artistas indígenas, al mismo tiempo, en el que cuentan con el auge de las plataformas digitales como poderosos instrumentos de presencia indígena en el entorno virtual.

Palabras clave: Prácticas estéticas indígenas. Teatro y Pueblos Indígenas. Podcast de Tepi.



Tepi.digital – manifestações estéticas em cena

A plataforma Tepi foi criada no ano de 2021 com o objetivo de reunir num único lugar, o fazer cênico dos povos indígenas, sem querer lhe dar o tom do cânone artístico ocidental, ou ainda, enquadrá-lo em alguma das escolas cênicas que conhecemos quando estamos nos cursos de artes cênicas. Idealizado por Andreia Figueiredo e Ailton Krenak, já havia acontecido de maneira presencial na cidade de São Paulo em anos anteriores, porém migrou para a rede mundial de computadores no período da pandemia de Covid-19.

Interessa-nos, portanto, pensar o que tem por trás da movimentação de um Tepi Virtual, em especial os produtos que uma plataforma como essa pode agregar nela. Constituir uma plataforma para reunir tantas experiências, parece ser uma jogada bem certa e interessante, pois de cara, estivemos conectados com falas profundas de seus organizadores e convidados, além das atividades da Mostra Artística, com profissionais que se encontram a quilômetros de distância de nós e, sobretudo, ocupando mais um espaço de reflexão e fruição.

Dentre as atividades que compõem esta plataforma está o Tepi Podcast, operado pelos professores doutores Naine Terena de Jesus e Flávio Fêo, onde o mote era em dez episódios dialogar com articuladores das artes do corpo indígenas do Brasil. Terena e Fêo, já mobilizavam um podcast, o Paraskeué, iniciado em 2021, estendendo suas atividades para capacitações e produção de lives com instituições parceiras.

De acordo com a pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), entre 2020 e 2021 o aumento do número de ouvintes de *podcasts* teve um ganho relevante, numa margem de 20 milhões a 34,6 milhões no Brasil atualmente⁴. Com relação ao quantitativo de ouvintes do Tepi Podcast, ainda não tivemos acesso ao número exato, devido à necessidade de fazer o cálculo a partir do *Spotify*, *Anchor* e da própria Plataforma Tepi, porém estima-se que até o

⁴ Disponível em https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.



fechamento deste arquivo foram cerca de mil acessos aos dez episódios do Tepi Podcast (dezembro/21 à março/22), desde as inicializações até os *streamings*⁵. Consideramos este um número razoável, se pensado a partir da grande oferta de podcasts no Brasil, interessados no tema central do produto e popularidade de seus organizadores e entrevistados.

No podcast Tepi/Paraskeué, as conversas revelaram a visão desses artistas em relação ao fazer teatral, cosmologias, conexões, pertencimentos e a questão: existe uma arte cênica, um teatro indígena? Ao final do processo de produção, algumas reflexões foram produzidas. Constatou-se que esta experiência com os entrevistados trouxe não apenas uma diversidade de elementos importantes para se pensar a cena teatral – além de enriquecer cada episódio com vida, esperança, compreensão, entendimento – mas que a própria ideia de encerramento do podcast, deveria ser reconsiderada.

No dicionário *Houaiss*, encerrar pode significar: “recolher-se, guardar-se”, ou ainda, “conter em si, incluir, compreender”. É muito interessante que estes significados tenham emergido no final do processo, embora tenham sido parte fundamental das motivações que nos conduziram ao longo do percurso do podcast e também do Tepi. A intenção de um podcast parceiro, se deu no sentido de que as contribuições para o Tepi e com o Tepi, recolhessem com muito cuidado e guardassem a experiência e a sabedoria de cada um dos entrevistados, a saber: *Macsuara Kadiweu a Zahy Guajajara*, passando por *Juão Nyn, Rosa Peixoto, Juma Pariri, Lilly Baniwa, Raquel Kubeo, Lian Gaia, José Ricardo e Helena Corezomaé*.

As contribuições foram tantas que neste artigo não seria possível resumi-las sem perder parte significativa de sua força. Os nomes acima são suficientes para nos darmos conta da diversidade e riqueza das reflexões oferecidas nestes 10 episódios de podcast.

Naine Terena e Flávio Fêo no texto *Transmidiando Acontecimentos* (2022) afirmam que as produções do Tepi nos permitem experimentar acontecimentos, que marcam pelo despertar de uma novidade que sempre esteve aqui. Por isso

⁵ O *Spotify* considera inicializações quando o usuário escuta zero minutos do episódio; *streaming* é computado a partir de 60 segundos de escuta.



registram no texto, a novidade de que a vida é arte, porque é produção permanente. Produção de cor, de sabor, de dança, de linguagem, de nós mesmos.

Assim é que fomos nos dando conta de porque o encerramento implica muito cuidado. Porque não nos tornamos melhores, nem mais esclarecidos quando compreendemos o que precisamos fazer. Simplesmente porque o trabalho implicado no esclarecimento requer exercício. Um exercício permanente de superação. No século XVIII um grande pensador já se questionava, a propósito deste tema: “Vivemos uma época esclarecida? Não, vivemos uma época de esclarecimento.”⁶ A questão é justamente essa, trata-se de um processo permanente onde precisamos nos manter atentos ao que importa: só podemos ser com os outros.

É importante dizer que a Paraskeué se propôs desde o começo a recolher ferramentas de vida e organizá-las com o objetivo de torná-las mais próximas e visíveis. Porque na verdade já fazemos uso de muitas ferramentas e às vezes não nos damos conta de como elas são importantes. Alguns de nós carregam mochilas e paneros ricos de ferramentas de vida, de instrumentos de sabedoria, de fórmulas de cura, de remédios para a alma.

Ao realizar a parceria com a Plataforma Tepi, considera-se a potência da linguagem radiofônica e toda a movimentação do mundo virtual, para que o podcast seja uma ferramenta de registro de fazeres e pensamentos de artistas da cena. De modo muito especial essa parceria com o Tepi oportunizou conhecer as ferramentas de grandes artistas indígenas ligados ao teatro, que abriram seus paneros no *podcast* e repartiram conosco suas experiências. O que se pode avaliar de maneira geral, é que cada artista compreende e realiza suas manifestações estéticas no campo das artes cênicas a partir do entendimento do que são essas artes para eles enquanto indígenas, artistas para os cânones artísticos e para o público. Dessa forma, seria impossível pensar um único status de artes cênicas indígenas, pois, de acordo com nossos entrevistados, as formas de se fazer artes, abrangem conhecimentos diversos, onde cada um deles, busca reconhecer-se dentro do ambiente artístico de acordo com suas trajetórias de vida.

⁶ Cf. Immanuel Kant. Resposta à pergunta: Que é Aufklärung?, 1974, p.112.



Como dissemos acima, não queremos correr o risco de perder a força de cada uma dessas contribuições tratando de todas elas de uma única vez. Por isso escolhemos apenas o primeiro e o último episódio para trazermos aqui algumas memórias e apontamentos.

Tecnologias, manifestações estéticas e o pensamento indígena

Entrevistamos Macsuara Kadiweu em dezembro de 2021, para o primeiro episódio da parceria Tepi/Paraskeué.⁷ Com Macsuara temos um relato desassombrado de quem consegue olhar com bom humor suas ricas experiências. Ele ressalta que no seu tempo não teve oportunidade de frequentar a universidade e enfatiza este aspecto como uma das diferenças importantes no que diz respeito às oportunidades que os jovens de hoje podem aspirar, embora as dificuldades de acesso ao meio acadêmico permaneçam em grande medida.

Sua presença em várias camadas de realidade, desde suas memórias de infância e a sensação de liberdade até a convivência adulta com ícones do cinema, atores, diretores e filmes clássicos que vão sendo citados e lembrados em meio a figuras importantes da luta indígena. Parentes mortos, o diálogo com Chico Mendes que vinha sendo ameaçado também. Seu espanto logo em seguida, seu medo, sua humanidade estendida que lhe deram hoje a possibilidade de reencontrar-se com aquela liberdade sentida desde a infância que no fundo nunca esteve longe. É dessa força, desse movimento rico, complexo e ainda cheio de simplicidade que Macsuara (2021) ao falar do amor diz que se identifica com Tibiriça, e finaliza a entrevista dizendo: “Como ele, eu abraço as árvores, eu converso com as águas e trabalho com plantas medicinais”.

O abraço, a palavra e o remédio, tudo está encaminhado ao encontro com o outro, na vida e no legado de Macsuara Kadiweu. Nesta fala se resume sua experiência com a arte, que é também sua experiência com a vida.

Nossa última entrevistada, Zahy Guajajara, nos proporciona o contraponto da

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HKliwczDtyU>. Acesso em: 02 abr. 2022.



presença indígena no cinema e nas artes cênicas. De Macsuara, que tem a dimensão de um precursor da participação indígena no cinema, a Zahy, neste movimento de atualidade, que rompe o presente com sua força e com sua fala, temos uma ampla visão da importância desses depoimentos para as pessoas que se interessam pelas artes cênicas brasileiras e suas diferentes maneiras de existir.

Zahy é filha da Pajé Alzira, nela está seu ponto de partida, seu lugar de sentido, de sentimento e de clareza. Ela fala de uma autoconfiança que foi sendo construída e se fez necessária para encarar o mundo não indígena e assentar seu lugar no campo da arte. Das dúvidas, dos outros principalmente, ao reconhecimento que vai sendo a cada vez reconquistado na medida em que está fundamentado numa ancestralidade impregnada que lhe dá força e coragem para seguir. Ao ser indagada sobre a relação entre o teatro e os povos indígenas ela responde de maneira assertiva: “Se existe um povo que entende de teatro, são os povos indígenas” e acrescenta:

Porque o teatro nasce com os povos originários, somos contadores de histórias natos... o teatro indígena é acontecimento. Ele supõe preparação, mas é genuíno, não se dá necessariamente na técnica, porque é orgânico, porque acontece⁸ (Zahy Guajajara, 2022).

Para Zahy não se trata de improvisar, necessariamente, porque há sim organização para o acontecimento da cena. Mas ela não se dá na técnica, o sentido é outro. Poderíamos pensar que ela se refere ao modo como os povos indígenas compreendem a vida, na medida em que o elemento central, a referência da atuação, do ponto de vista estritamente técnico, supõe o corpo, enquanto a arte como acontecimento no teatro indígena supõe a alma, a corporeidade. Nada aqui se exclui, mas tudo aqui se enriquece, soma-se, multiplica-se.

Considerações finais

A Plataforma aqui citada, é uma demonstração da potencialidade da inserção dos corpos indígenas no universo virtual, a fim de promover o espaço de debate e

⁸ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=L_Mcw7qCRg&t=927s. Acesso em: 02 abr. 2022.



articulações entre todas as representações mediadas por este evento. Mais do que isso, se tornou um instrumento de pesquisa capaz de trazer as diferentes representações dos fazeres artísticos indígenas, promovendo o debate acerca do que é a arte indígena no século XXI, seus enraizamentos, atravessamentos e principalmente os aspectos que movimentam os indivíduos indígenas em torno de um fazer cênico pautado na memória e resistência, ao mesmo tempo em que os profissionaliza para a geração de renda e o adentrar ao mercado de trabalho, sendo uma alternativa para os próximos anos.

Na perspectiva da visibilidade dos povos indígenas, do profissional indígena e dos saberes, estamos lidando com as potências do pós-pandemia, onde durante os dois últimos anos, a migração das atividades para o ambiente virtual se fortaleceram, o que faz com que a visibilidade dos saberes, memórias e trajetórias indígenas, ganhasse espaço de maneira bastante eficaz, considerando que o acesso ao universo virtual possibilita que pessoas de diferentes lugares do mundo possam conhecer práticas e fazeres agenciados pelos próprios indígenas.

Referências

Fêo, Flávio, Jesus, Naine terena. Transmidiando Acontecimentos. Disponível em https://tepi.digital/wp-content/uploads/2022/01/22.01-Naine-Terena_com-rodape.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é Aufklärung? In: KANT, Immanuel. *Immanuel Kant – textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974, (p.100-117).

Podpesquisa-produtor, disponível em https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf Acesso em: 01 abr. 2021

Tepi Podcast, episódio Macsuara Kadiwéu, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HKliwczDtyU>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Tepi Podcast, episódio Zahy Guajajara, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=L_Mcw7qCRgw&t=927s Acesso em: 02 abr. 2022.



VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

Recebido em: 03/04/2022

Aprovado em: 05/04/2022